



O jornalismo em quadrinhos e os procedimentos jornalísticos em Uma História de Sarajevo¹

Marcelo Oliveira Lima²

Igor Rossoni³

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Resumo: O artigo em mãos tem como objetivo analisar os procedimentos jornalísticos na obra do jornalista e quadrinhista Joe Sacco, considerado o criador de um novo gênero: o *jornalismo em quadrinhos*. Procuramos entender e desconstruir esse gênero emergente de produção de HQs de não ficção e lançamos um olhar aprofundado sobre *Uma História de Sarajevo*. Caracterizado por ser um trabalho híbrido e multirreferencial, este livro de Sacco só pode ser compreendido em seu potencial jornalístico quando relacionado a diversos campos como os gêneros de produção jornalística, do qual destacamos o *jornalismo literário*, mas há também aproximações ao telejornalismo, à linguagem gráfico-sequencial das histórias em quadrinhos e à teoria da imagem.

Palavras-chave: Joe Sacco; jornalismo em quadrinhos; jornalismo literário; fotojornalismo; hibridismo.

Introdução

O presente artigo é fruto do projeto “Funcionamento do narrador e o jornalismo em quadrinhos: análise de *Uma História de Sarajevo*”, desenvolvido no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e com bolsa de Iniciação Científica cedida pelo CNPq. O objetivo é analisar os procedimentos jornalísticos presentes na obra do jornalista e quadrinhista Joe Sacco, considerado o criador do gênero *jornalismo em quadrinhos*. O autor é figura importante no mercado de quadrinhos (também chamadas de HQs) e recebeu diversos prêmios como o *American Book Award* em 1996. Pela produção diferenciada, ultrapassou as fronteiras dos leitores usuais de HQs, angariando fãs provenientes de diferentes círculos de leitura.

O livro em destaque lançado nos Estados Unidos, editado pela *Drawn and Quarterly Books*, em 2003, sob o título *The Fixer: A story from Sarajevo*. No Brasil foi publicado em 2005, pela Editora Conrad. Tematicamente, *Uma História de Sarajevo* mantém íntima proximidade com as demais produções de Sacco, mostrando – por meio de uma reportagem em quadrinhos – uma zona de conflito bélico, as causas da guerra e as figuras humanas que vivem naquele cenário de tensões perenes. O trabalho de Sacco

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Graduando em Comunicação Social – Jornalismo pela UFBA, bolsista de Iniciação Científica pelo Instituto de Letras da UFBA e quadrinhista. marcelocaterpillar@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor adjunto do Instituto de Letras da UFBA, escritor e ensaísta. xangai1@terra.com.br



tem formato de grande reportagem, farto em contextualização dos fatos, exploração de sucessos cotidianos e compromisso em conceder espaço a vozes socialmente desfavorecidas.

A escolha do *corpus* de análise se justifica por ser um dos livros no qual o autor apresenta estilo amadurecido – estilo que vem sendo desenvolvido desde a publicação do primeiro volume de *Palestina*, sua obra de maior sucesso, em 1993. Também impulsionou a seleção, a escassez de estudos específicos sobre ela, enquanto demais livros traduzidos do autor possuem variadas análises acadêmicas.

Num primeiro momento, o artigo busca discutir a relação entre jornalismo e quadrinhos, e revisa a literatura brasileira sobre o conceito de *jornalismo em quadrinhos* no tocante à produção de Joe Sacco. Em seguida, partiremos para outros campos teóricos a fim de compreendermos como os procedimentos de criação jornalística aparecem na referida obra. Destacamos a relação com o jornalismo literário, mas há também aproximações ao telejornalismo, à linguagem gráfico-sequencial das histórias em quadrinhos e à teoria da imagem.

O jornalismo em quadrinhos e a reportagem de Joe Sacco

As histórias em quadrinhos há muito são componentes dos jornais impressos e *online*, tendo gênese – enquanto linguagem gráfico-narrativa autônoma – nos periódicos dos séculos XIX e XX. Elas aparecem, tradicionalmente, na forma de tiras, cartuns e charges. Sobre a relação entre surgimento das HQs e os jornais há trabalhos competentes (OLIVEIRA e PASSOS, 2006; RAMOS, 2009; SOUZA JÚNIOR, 2010), portanto, não se faz necessário delinear esse histórico no presente trabalho.

Além de tais formatos, há crescente ocorrência de entrevistas, reportagens e críticas em quadrinhos, considerando-se um dos marcos no jornalismo brasileiro a entrevista com Otto e Tom Zé, publicada pela Folha de S. Paulo, em 1999. A produção recente tem sido alcunhada de *jornalismo em quadrinhos*, junto a outras obras como os trabalhos biográficos (ex: *Elvis*, *Johnny Cash*, *Kiki de Montparnasse*), autobiográficos (*Persépolis*, *Valsa com Bashir*) e relatos de viagem (*Pyongyang*, *Shenzen*). Diferentemente daquelas publicadas em jornais diários, estas HQs, em grande maioria, saem como livros voltados para venda em livrarias.

A expansão dos quadrinhos para outros formatos do jornal e a emergência de um gênero que agrupa tais produções é consequência do furor editorial causado pelos livros



do jornalista Joe Sacco. O trabalho, *Palestina*, é o pilar deste suposto gênero (NEGRI, 2003; OLIVEIRA e PASSOS, 2006) e sobre o qual foi fundado o rótulo *jornalismo em quadrinhos*. Antes da criação de Sacco, algumas HQs como *Maus* – uma biografia de Art Spiegelman sobre seu pai Vladek Spiegelman – eram somente chamadas de quadrinhos de não ficção, vindo agora a serem consideradas como JHQ.

Pela quantidade de obras agrupadas sob a égide do *jornalismo em quadrinhos*, torna-se complicado elaborar um conceito abrangente e rigoroso. Chama-se JHQ produtos que vão das notícias feitas em estrutura de *lead* àqueles que seguem os preceitos da grande reportagem. O termo também cobre o escopo dos quadrinhos elaborados com processos de apuração jornalística até as autobiografias. O único ponto que parece unir essas criações é o fato de serem histórias em quadrinhos. Por essa razão é preciso encontrar a especificidade do jornalismo nesses trabalhos, sendo um dos caminhos a observação dos procedimentos jornalísticos em cada obra.

O jornalismo é uma prática profissional comprometida com uma pretensão de verdade. Por isso, a deontologia jornalística impõe requisitos à escrita jornalística como objetividade, factualidade e imparcialidade (GOMES W, 2009). Estes requisitos são constantemente criticados e reconfigurados, mas permanecem como bases do discurso jornalístico, posto que lhe garantem a capacidade de emitir juízos dotados de veracidade. Para corresponder de maneira correta às normas deontológicas, os jornalistas precisam passar por um processo rigoroso de apuração de fatos, pesquisa documental, contextualização da situação explorada e abordagem múltipla do fato, dando voz ao máximo possível de pessoas envolvidas no objeto que está sendo investigado. Esse tipo de procedimento não é aplicável às autobiografias e relatos de viagem, uma vez que são obras quadrinizadas por não jornalistas, descomprometidos, portanto, com a apuração jornalística e os indicativos próprios da profissão.

Os relatos de viagem poderiam se aproximar das crônicas e, em alguns casos, da ficção jornalística, mas o fato dos autores conhecidos da área não possuírem experiência jornalística, nem mesmo afirmarem intenção profissional nos respectivos trabalhos, contribui para pensarmos que a relação entre essas produções e o termo JHQ está mal resolvida. Nesse sentido, concordamos com Souza Júnior (2010, p.23) que talvez seja apressado afirmar que o *jornalismo em quadrinhos* seja um gênero novo. Afinal, de acordo com Dutra (2003, p.2), o termo JHQ serve como nicho para acomodar trabalhos de não ficção que fogem aos gêneros tradicionalmente firmados nas HQs, como as



histórias de super-heróis, de humor, de terror e de ficção científica – predominantemente de caráter fantasioso/fictício e/ou infanto-juvenil.

Quadrinhos de não ficção não são criações recentes⁴, mas somente há poucas décadas começaram a ser levados a sério pela crítica e pelos estudos acadêmicos. A aceitação dessas HQs estimulou aumento das publicações que invadiram livrarias e *internet*. Para provocar interesse no público leigo sobre quadrinhos foram disseminados diversos termos e conceitos ligeiros, como os ainda mal definidos *quadrinhos adultos* e *graphic novel* (ou *novela gráfica*), e o *jornalismo em quadrinhos* veio nesse embalo.

É necessária uma crítica exaustiva sobre o *jornalismo em quadrinhos* e a maneira como vem sendo trabalhado nos diversos artigos acadêmicos e textos jornalísticos produzidos no Brasil. A grande maioria foge à conceituação do termo ou se utiliza de subterfúgios para justificar a existência de um gênero JHQ bem solidificado. Como exemplo, no artigo “Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos”, os autores citam o pesquisador Mário Erbolato afirmando que a charge tem a força de um editorial e distorcem o dito com a nada rigorosa conclusão: “Se um gênero artístico que se confunde entre jornalismo e HQ possui tamanha importância e credibilidade para ser comparada ao editorial por um pesquisador de renome, já não há dúvida da existência de jornalismo em quadrinhos” (OLIVEIRA e PASSOS, 2006, p.5).

Um dos pesquisadores de maior fôlego na área, Souza Júnior, nega veementemente o *jornalismo em quadrinhos* como gênero, afirmando que,

A percepção dos quadrinhos como uma mídia e forma artística autônoma nos permite inferir que a introdução da prática jornalística não cria novos gêneros e, ainda menos, uma nova forma de expressão. As HQ's simplesmente conseguem comportar alguns gêneros tradicionais do jornalismo impresso (notícia, reportagem, coluna, entrevista, editorial, artigo e resenha, até o momento) adaptando-as à nova mídia e utilizando-se de sua linguagem e potencialidades (2010, p.23)

Embora compreenda sua preocupação teórica, o presente trabalho discorda do autor porque é possível o JHQ configurar um subgênero das HQs ou, melhor, revelar ser um gênero híbrido entre a arte sequencial, jornalismo e outras linguagens, conforme defende o jornalista e acadêmico Iuri Barbosa Gomes. Ele afirma que o *jornalismo em quadrinhos* “traz um quê de novidade, e percebe-se nele uma espécie de adaptação. Não é uma mera adaptação, é bom frisar, mas sim um hibridismo comunicacional que

⁴ Como nos mostra Vergueiro (2009, p.85) HQs de não ficção eram publicadas já na década de 40, nas revistas estadunidenses *True Comics*, *Real Life Comics* e *Real Fact Comics*. Estas publicações traziam biografias de figuras literárias e históricas, além de quadrinizações de passagens da História mundial e norte-americana.



converge diferentes linguagens a favor da informação” (GOMES, I, 2009, p.2). Ao que pode ser complementado,

Trata-se de um fluxo semiótico no qual há uma junção de diferentes linguagens que se entrelaçam e que apontam para diferentes possibilidades de abordagem jornalística e de produção de sentido. O JHQ é um devir jornalismo-HQ (...) e cada um destes devires assegura a desterritorialização de um dos termos e reterritorialização do outro (GOMES, 2008, p.13).

Nesse escopo de considerações sobre o *jornalismo em quadrinhos* iremos aceitar, por ora, que o trabalho de Sacco aponta para a hibridez explicitada acima. Há em sua reportagem uma mistura de fotojornalismo, telejornalismo, ilustração, linguagem quadrinística, rigor jornalístico, métodos de apuração provindos do *new journalism* e do *new new journalism* que não são simples adaptação de elementos das HQs para comportar reportagens. Todo o conjunto criativo é movido para uma elaboração semântica que será analisada nos tópicos a seguir.

O enredo de *Uma História de Sarajevo*

Uma História de Sarajevo apresenta trama em que observam o imbricamento de dois enredos. Por um lado, veicula a construção narrativa do perfil de um dos personagens – Neven – guia que trabalha ocasionalmente para jornalistas e organizações que visitam Sarajevo. Neven é um boêmio na casa dos trinta anos, desbocado e conhecedor de todo tipo de gente e história incrível da cidade – que se encontra em meio ao conflito da Guerra da Bósnia. Sacco aproxima-se de Neven logo que chega à Sarajevo em 1995, época em que a referida contenda estava em seus estágios finais e já não atraía muita atenção da imprensa. Sacco se apoia em Neven para ter companhia enquanto desbrava a localidade – a figura histriônica do homem impressiona o jornalista. Resulta que ele fica obcecado pelo interlocutor de suas histórias e relata: “Com o Neven, sou tipo um adolescente em começo de namoro – interessado, um pouco fascinado talvez, ou um pouco apaixonado – e o amor, no final, é uma transação...” (SACCO, 2005, p. 24). A partir daí, passa a narrar as conversas com Neven, que lhe conta a própria vida e tece comentários acerca de Sarajevo e seus habitantes. Os encontros se dão via pagamento de cigarros, cervejas, alimentação e, em alguns momentos, apenas por hora de conversa – esta é a ‘transação’ a que Sacco fez menção na legenda⁵ citada anteriormente. A aparente obsessão de Sacco por Neven

⁵ Caixa de texto, geralmente retangular, que representa textos provindos de um narrador, onisciente ou não, ou de uma personagem, quando o texto vem entre aspas.



revela-se, mais adiante, mecanismo de construção de discurso irônico sobre o guia. Neven, em verdade, é figura irritante e frustrada que acumula um amontoado de histórias falsas e contraditórias; afirmações impotentes sobre a guerra que abandonou (“Duzentos homens como Dino e eu teríamos conseguido quebrar o cerco a Sarajevo”, p. 25), atitudes xenofóbicas (“Se virmos um ‘papak’ – um desabrigado – encontramos uma forma discreta de explicar-lhe que o lugar dele não é aqui”, p.73) e uma vida esvaziada de sentido – seu único objetivo claro de vida – matar o homem que assassinou o irmão – não é atingido, pois ele desiste da empreitada por medo de ser morto pelo oponente (“... percebi que não dá pra brincar com cães traiçoeiros. A chance de sair com vida é muito pequena. E o meu ficaria arrasado se eu também fosse assassinado”, p. 23).

O outro *plot* gira em torno dos *senhores da guerra* de Sarajevo. Quando do início dos ataques dos sérvios nacionalistas contra a cidade, em 1991, estes foram exitosos em cercá-la porque o exército e a polícia controlados pelo governo eram ineficientes na luta – havia pouca quantidade de homens treinados e equipamentos. Com o objetivo de proteger a cidade formaram-se unidades paramilitares lideradas por indivíduos de reputação duvidosa que, no entanto, se tornaram a esperança de Sarajevo para se proteger dos sérvios. Por força e atuação de sucesso, alguns dos líderes dos grupos informais de defesa da cidade recebem postos do governo. Futuramente, acabam envolvidos em redes de corrupção com políticos que aproveitam a fragilidade gerada pela guerra para monopolizar recursos e finanças da cidade. Estes líderes, que antes eram bandidos, se tornam heróis oficializados e homenageados em Sarajevo. A eles Sacco confere a alcunha de *senhores da guerra*. Quatro deles são perfilados: Ismet “Celo” Bajramovic, Jusuf “Juka” Prazina, Musan “Caco” Topalovic e Ramiz “(o outro) Celo” Delalic. Enquanto destrincha-lhes a vida, Sacco delinea os fatos sucedidos em Sarajevo, do início ao fim da Guerra da Bósnia.

Procedimentos jornalísticos em *Uma História de Sarajevo*: Aproximações com o *Jornalismo Literário*

O trabalho de Joe Sacco é frequentemente associado ao *jornalismo literário*, conceituado por Edvaldo Pereira Lima (2003, p.10) como

incorporação de recursos e técnicas de captação e redação provenientes da literatura. É um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto. (2003, p.10)



Lima contrapõe este estilo de produção jornalística à modalidade que chama de “jornalismo convencional”, praticado em larga escala nas redações jornalísticas. O “jornalismo convencional” é regido por códigos poucos flexíveis de redação de texto, como o *lead* e a pirâmide invertida, de apuração, apelando essencialmente para fontes oficiais, e ainda sofre com a pressão do *deadline*, que apressa os processos anteriormente citados. Decorrem desse procedimento notícias e reportagens que primam pela descrição superficial de um fato e respectiva causa (ou possíveis causas), sem se aprofundar no contexto que envolve o acontecimento. Além disso, a linguagem empregada (seja textual ou audiovisual) costuma ser árida, sem estilo marcante, fazendo com que somente se absorva a informação factual e se distancie do produto jornalístico.

Para Felipe Pena (2006, p.13) o *jornalismo literário* deve “potencializar os recursos do Jornalismo [convencional], ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos”, ao que emenda, jocosamente “No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira” (PENA, 2006, p.13). Para auxiliar a compreensão do que seja este gênero jornalístico que envolve Jornalismo e Literatura, Pena relaciona sete itens caros ao referido tipo de produção, que formam o que denomina de *estrela de sete pontas do jornalismo literário*. Listo cada ‘ponta’ abaixo e as interfaces possíveis com *Uma História de Sarajevo*:

i) Primeira ponta:

O jornalismo literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-la de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas (PENA, 2006, p.13-14)

É possível perceber facilmente os pontos levantados pela primeira ponta na produção de Sacco. *Uma História de Sarajevo* possui carga informativa bastante densa, misturando relatos, documentos oficiais, conversas de bar, recortes de revista e transmissões televisivas – algumas das fontes são listadas ao final do livro – o que aponta tanto para a “apuração rigorosa” quanto para a “observação atenta”. A narrativa mantém factualidade, principalmente no tocante aos *senhores da guerra*, descrevendo



com precisão cada acontecimento narrado, preservando datas e declarações dos atores sociais envolvidos. Embora haja um ponto de vista do autor mediando a reportagem, ele se preocupa em dar voz a indivíduos e setores sociais discordantes. Neven, por exemplo, defende a atuação dos *senhores da guerra*, enquanto outro entrevistado, Ali Babic, foi responsável pela captura e mutilação de dois destes homens. A multiplicidade de fontes é herança pragmática da *imparcialidade* exercida no jornal diário e garante maior contextualização e credibilidade à narrativa – e às críticas e argumentos do autor, que se mantém *parcial*. Por fim, garante-se a *objetividade*, uma vez que o autor se expressa *claramente*, utilizando de maneira estratégica os recursos linguísticos das HQs.

ii) Segunda ponta:

...ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano. Em outras palavras, [...] o jornalista rompe com duas características básicas do Jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não está mais enjaulado pelo *deadline*, a famosa hora do fechamento do jornal ou da revista. (PENA, 2006, p. 14)

Nos agradecimentos do livro, Sacco escreve: “obrigado também a Chis Oliveros, editor da *Drawn&Quaterly*, por ter sido paciente enquanto eu esticava o prazo de entrega deste livro” (2005, p.107). O excerto demonstra liberdade quanto ao *deadline*, que foi de primeira importância para criação de *Uma História de Sarajevo*. O autor esteve no país em 1995, quando colheu os relatos de Neven. Posteriormente, com apoio da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, retornou em 2001 para pesquisas adicionais e um reencontro com seu antigo guia. A relação de amizade e barganha estabelecida entre Sacco e Neven só foi capaz de se desenvolver porque o autor passou bastante tempo com seu perfilado para assim conquistar-lhe a confiança e lhe captar a personalidade e nuances comportamentais. O reencontro serve para que Sacco reavalie opiniões acerca de Neven, enriquecendo o perfil com esta elipse temporal.

iii) Terceira ponta:

proporcionar uma visão ampla da realidade [...], contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito difícil no exíguo espaço de um jornal. [...] Mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração (PENA, 2006, p. 14)

Por se tratar de uma grande reportagem publicada em livro de 114 páginas, o histórico dos conflitos da Guerra Bósnia que reverberaram em Sarajevo são aprofundados e interligam-se conferindo sentido mais apurado aos fatos. Normalmente, os jornais diários se atêm a manchetes como “19 pessoas morreram nos conflitos de



hoje”, “Cidades bombardeadas esta noite”, apresentando um momento isolado descrito em poucos parágrafos e que acaba significando pouco em meio à configuração total de fatos e motivações que acarreta as ações numa guerra. Em *Uma História de Sarajevo* o que vemos é uma batalha cruel e sanguinária, iniciada por motivos étnicos, religiosos, mas, principalmente, econômicos. Sarajevo, uma das vítimas da guerra, é palco de maquinações de corrupção e morte operadas pelos seus próprios ‘heróis’ de guerra em conjunto com o governo. Conhecer essa relação de fatos é essencial para entendermos o porquê de Sacco qualificar Neven como fracassado, ao declarar: “A guerra foi em frente e o deixou para trás” (SACCO, 2005, p.76). Não somente deixou o guia para trás, como toda uma legião de “crias da guerra” – homens que encontraram seus empregos como soldados. Do mesmo modo que Neven há milhares de indivíduos de vidas esfaceladas em Sarajevo, jamais reportados pela grande mídia.

iv) quarta ponta:

...é preciso exercer a cidadania. Um conceito tão gasto que parece esquecido. [...] Quando escolher um tema, deve pensar como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade. [...] Chama-se espírito público. (PENA, 2006, p. 14)

Uma das grandes contribuições do trabalho de Sacco reside neste tópico. O jornalista José Arbex, que prefacia um dos volumes de *Palestina*, dissera que “Sacco dá visibilidade aos árabes invisíveis” (ARBEX, 2004, p.3). De fato, o autor consegue humanizar os habitantes das zonas de guerra, que mal são representados nos noticiários dos *mass media*. Quando mostrados, há exploração de sofrimentos pessoais como se não houvesse momento naquelas vidas que não fosse marcado pela violência. Sacco procura representar o cotidiano das ‘vítimas’ de forma complexa, abrindo espaço para as agruras provocadas pela guerra, mas também para as formas criadas de enfrentamento a tais problemas, em busca de uma rotina normal. Em *Uma História de Sarajevo*, ao invés de se focar nos hospitais e centros de refugiados lotados de vítimas e desespero, concentra-se nas vidas nos bares e nos ex-soldados. São histórias trágicas de pessoas que perderam quase tudo, mas que tentam seguir adiante arrumando “bicos” aqui e ali. O perfil de Neven é rico em preocupação cidadã: Sacco, reiteradamente, marca o texto com os dizeres “Este é o Neven, coloque-se no lugar dele”, e expõe sem rodeios as qualidades e, principalmente, os defeitos do guia. Sem apelar para vitimização, o jornalista consegue provocar alteridade entre o leitor e Neven.



Já mencionado no artigo, também é de importância pública o histórico da guerra, que consegue situar com eficiência os leitores sobre a realidade do conflito em Sarajevo. É preciso destacar as páginas 94 e 95, onde o autor quadriniza um testemunho de crime: um soldado de Sarajevo confessa que ele e outros militares mataram civis inocentes por serem sérvios. A passagem é a que mais reúne carga dramática em toda HQ: em duas páginas há quarenta quadros – número elevado para uma página de quadrinho – que mostram *closes* em perfurações de faca e uso de textos fragmentados, diagramados nas legendas de maneira pouco convencional e distribuídos pela página fora das do sentido de leitura usual⁶. Essas escolhas causam desconforto visual, perfeito para as intenções da cena – impactar o leitor com homicídios a sangue frio e denunciar que os ‘heróis’ de Sarajevo, ao mesmo tempo em que asseguravam a segurança da cidade, agiam de modo controverso.

v) quinta ponta:

A quinta característica do Jornalismo Literário rompe com as correntes do lead. [...] a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa. (PENA, 2006, p. 14)

Sacco escapa ao *lead* com naturalidade, afinal está realizando uma grande reportagem em quadrinhos. A começar pela estrutura temporal da HQ, que começa *in media res*⁷ e depois apresenta passagens alternadas, por intermédio de *flashbacks* e *flashforwards*, entre os anos 1991 e 1995. O estilo do autor é formado por referências ao jornalismo praticado em outras mídias, utilização criativa da ilustração e apropriações da linguagem das HQs. Vamos analisá-las:

a) *fotojornalismo e ilustração*: uma das grandes referências na composição dos quadros de *Uma História de Sarajevo* são fotografias que Sacco captura durante o processo de apuração. Segundo Souza Júnior,

A imagem produzida a partir de dispositivos técnicos possui um grau de correspondência com a realidade visual que permite, por um processo inferencial, sua utilização pelo jornalismo como um procedimento de registro cuja legitimidade é assegurada pela eficácia tecnológica (2010, p.29)

Dentre os meios de produção de imagem para os periódicos houve transição do uso de ilustrações, muito comum no século XIX e início do século XX, para utilização maciça de fotografias. A razão, evidencia Souza Júnior, é a “eficiência com que a fotografia consegue capturar a realidade visual” (2010, p.27), o que “incentiva a ideia de

⁶ De cima para baixo e da esquerda para direita.

⁷ O recurso *in media res* serve para provocar interesse no leitor desde o começo da narrativa, evidenciando algum fato que lhe desperte a curiosidade de ir em retrospectiva para entendê-lo.



espelho da realidade, corroborando com os ideais de objetividade” (2010, p.27). Assim, a ilustração deixou de ser ligada à apresentação da realidade e passou a ser restrita às tiras cômicas e às charges – assumindo, então, o papel de interpretadora da realidade.

Para se aproximar da ilusão de real sugerida pelas fotografias, Sacco detalha com bastante precisão os cenários, figurinos e natureza morta de seus quadros, através da utilização de linhas hachuradas. Segundo Souza Júnior, a hachura dá aspecto de concretude à imagem. Ao que conclui: “enquanto alguns quadrinhos se utilizam de um grafismo mais leve, na reportagem em quadrinhos tenta-se reproduzir a concretude da imagem fotográfica” (SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 59).

b) *Telejornalismo e estrutura formal*: a maior referência imagética do jornalismo são as reportagens produzidas para televisão e vídeo. As coberturas televisivas e os documentários sempre chamaram atenção pela predileção pelos enquadramentos que favorecem a espetacularização e a encenação do mundo real. A grande reportagem de Sacco aproxima-se da estrutura dos documentários, conforme identifica Souza Júnior,

Dilatando as vinhetas⁸ da reportagem em quadrinhos para uma narrativa fílmica, percebe-se que a estrutura do quadrinho seria emulada de maneira eficiente: as vinhetas seriam decupadas em uma sucessão imaginária de fotogramas construindo a ilusão do tempo; as imagens de contexto histórico seriam substituídas por vídeos de arquivo; a quadrinização dos depoimentos seria transformada numa dramatização com atores; o texto dos balões seria enunciado pelas personagens; e o recordatórios⁹ seriam transformados numa narração em *off* do próprio Sacco (2010, p.105)

A correlação acima não pretende significar que as reportagens em quadrinhos são adaptações da linguagem audiovisual para a gráfico-sequencial, mas ressaltar a clara influência dos documentários na estrutura formal dos trabalhos de Sacco – sendo, neste aspecto, até mais importante do que as obras de jornalismo literário (SOUZA JÚNIOR, 2010). Outra influência do audiovisual é a retratação, na HQ, de noticiários como uma das fontes de informação para o leitor. Isso não acontece por acaso. Como se sabe, os telejornais são os produtos jornalísticos de maior impacto no mundo contemporâneo. Representando-os em sua narrativa, Sacco aproveita o gancho para dialogar com os leitores e com a cultura de consumo jornalístico predominante.

c) *Caricatura e estética do concreto*: Sacco opta pela utilização da linha hachurada para composição de cenários e de traços levemente caricatos, mas ainda assim realistas, para criação das personagens. Essa opção é verificada principalmente no rosto das personagens, que possuem menos ‘concretude’ em virtude do ganho de expressividade e

⁸ O mesmo que ‘quadro’.

⁹ O mesmo que ‘legenda’.



movimento. A face é território expressivo privilegiado nos quadrinhos e segundo Cagnin (1975) há cinco elementos essenciais que devem ser levados em consideração na representação gráfica de rostos: olhos, pálpebras, pupilas, sobrancelhas e bocas. A combinação destes elementos pode resultar, ainda segundo Cagnin, em 1566 feições diferentes. Por essa razão, um grafismo mais leve comporta maior variabilidade de rostos, vez que permite deformações e exageros. Nesse sentido, verifica-se no trabalho de Sacco influência dos quadrinhos *underground*, principalmente do artista Robert Crumb – embora a caricatura de Sacco nos seus quadrinhos jornalísticos seja moderada em comparação aos *Comix*¹⁰. Uma página representativa do estilo empregado por Sacco é a de número 11, que mostra um Neven embriagado com as feições levemente distorcidas, enquanto a mesa de bilhar e a jaqueta do guia são ilustrações fieis à realidade.

d) *Domínio da linguagem quadrinhística*: Sacco domina o ritmo sugerido pela divisão de quadros, sabendo alongá-los para sugerir pausas descritivas e encurtá-los quando necessário para conferir ritmo cinematográfico às cenas. Uma marca pessoal é ‘entortar’ as legendas para sugerir desordem e ambientes de baderna. Ele diferencia as passagens relativas à abordagem do cotidiano de Sarajevo na calmaria do fim de guerra das que tratam dos momentos mais intensos de conflito por meio da cor de fundo das páginas, brancas para aquelas e pretas para estas. Por intermédio das legendas projeta os pensamentos do narrador-personagem, que não possui falas diretas, servem para contextualizar fatos e conversas ou, uma das funções mais recorrentes, opinar sobre a ação que é transcorrida nos quadros.

vi) sexta ponta:

evita os definidores primários, os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa. São as fontes oficiais [...]. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados (PENA, 2006, p.15)

Em todas as obras, Sacco dá privilégio de fala para cidadãos comuns. Em *Uma História de Sarajevo* não há uma galeria extensa de entrevistados, como há em livros como *Área de Segurança Gorazde* ou *Palestina*, mas confia a um cidadão comum, Neven, a maior parte dos relatos publicados. Feita a opção, aproveita a intimidade obtida com o guia e constrói diversas passagens interessantes como as participações de

¹⁰ Termo utilizado por Crumb para designar suas publicações ao invés de *comics*. O ‘x’ tinha como objetivo fazer referência a publicações adultas, *x-rated*.



Neven na guerra, o prestígio dos soldados durante os conflitos, as expectativas do povo de Sarajevo e como se sente um sérvio (Neven é sérvio) em meio a uma cidade atacada pelos da própria etnia. A escolha do relato a partir de um só cidadão, como fonte principal, faz com que a narrativa ganhe dramaticidade, assuma tom de informalidade mais próxima da realidade explorada, gerando maior grau de humanização das personagens, dentre outras características.

vii) sétima ponta:

a perenidade. Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual [...] (Pena, 2006, p. 15).

Como comentado durante o presente texto: Sacco é considerado o ‘pai’ de um suposto novo gênero jornalístico; seus livros são reeditados frequentemente (em formatos variados); ele recebeu diversos prêmios pela sua obra e é a principal influência do *boom* de reportagens em formato de quadrinhos, realizados em redações de diferentes países. Não há dúvidas da perenidade de trabalho de tal envergadura.

O novo jornalismo novo como procedimento jornalístico de Joe Sacco

Por fim, há de se destacar um subgênero dentro do *jornalismo literário* que encontra correspondências no trabalho de Joe Sacco: o *novo jornalismo novo*. Caracterizado como movimento em resposta ao *jornalismo novo*, surgido nos EUA em 1960. O movimento integra propostas de apuração e escrita do movimento que critica, fundamentalmente o uso de quatro recursos sugeridos por Tom Wolfe e assim organizados por Pena (2006, p. 54): “1) Reconstruir a história cena a cena; 2) Registrar diálogos completos; 3) Apresentar as cenas pelo ponto de vista de diferentes personagens e 4) Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas.” A contraposição do *novo jornalismo novo* ao *jornalismo novo* vem, principalmente, na escolha de temas ordinários, como histórias de vida de mendigos, ao invés das trajetórias de personagens pertencentes a elites e altas rodas. Também há preferência da adoção de uma linguagem mais simples e representativa do que é dito nas ruas em detrimento da elegância literária do *jornalismo novo*. São duas características encontradas em Sacco. Um terceiro fator de relação do *new new journalism* com o trabalho do jornalista/quadrinhista é o *close-to-the-skin reporting*, ou seja, o repórter vivenciando o mais perto possível os fatos que apura. Em *Uma História de Sarajevo*



isso é percebido graficamente, com o autor se desenhando nas cenas, sempre com um gravador a tiracolo, acompanhando as ações de perto, se posicionando de forma crítica através de textos nas legendas e até mesmo descrevendo – tanto verbal quanto graficamente – estados de espírito sentidos no momento em que ocorre a situação narrada. Há ainda uma predileção no *novo jornalismo novo* em retratar personalidades fracassadas ao invés do *glamour*. No livro de Sacco temos um dupla de fracassados: o primeiro é Neven, por razões já explicitadas anteriormente neste trabalho, e o segundo é o próprio Sacco, quando, no fim da narrativa, vê grande parte do relato que colheu de Neven ser desmentido por outros jornalistas e conhecidos que moram em Sarajevo. Para o leitor, que acreditou em toda história contada pelo guia, talvez caiba um terceiro papel como fracassado por se deixar seduzir pelas histórias duvidosas de Neven. No entanto, não poderia haver final que se encaixasse melhor num perfil sobre a personagem tão contraditória e pouco confiável – o que parece ser sugerido já pelo seu nome, um palíndromo que remete à palavra inglesa *never*.

Considerações Finais

Este artigo conclui que, mesmo sem haver um gênero *jornalismo em quadrinhos* conceituado com precisão, o trabalho de Joe Sacco aponta para uma interação possível entre quadrinhos e jornalismo, resultando em produto diferenciado, com características de ambos. Uma das evidências para isto são os procedimentos jornalísticos que o autor aplica para a pesquisa e criação de suas histórias, que correspondem àqueles empregados no *jornalismo literário* e, em especial, no *novo jornalismo novo*. Devido à utilização desses métodos e princípios, podemos afirmar que a reportagem realizada por Sacco possui objetividade, factualidade e as razões apontadas justificam que seja, também, dotada de veracidade.

Referências

ARBEX, José. Prefácio de **Palestina – Nação Ocupada** IN: *Palestina – Nação Ocupada*. São Paulo: Editora Conrad, 2004.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

DUTRA, A. A. C. **Quadrinhos de não-ficção**. In: XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2003. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, CD-ROM. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/5097> Acessado em 22/02/2011



GOMES, I. B. **Jornalismo em Quadrinhos**: Mediações experimentais entre comunicação e artes. In: IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro Oeste, 2008. Cuiabá. Anais... Cuiabá, CD-ROM. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1951-1.pdf> Acessado em: 15/04/2011

_____. **Jornalismo em Quadrinhos**: território de linguagens. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro Oeste, 2009. Brasília. Anais... Brasília, CD-ROM. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0894-1.pdf> Acessado em: 10/04/2011

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: Ensaio de teoria do jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **New Journalism**: a reportagem como criação literária. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

NEGRI, A. C. **Um novo gênero jornalístico**: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco. In: XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2003. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, CD-ROM. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/5105> Acessado em 22/02/2011

OLIVEIRA, A. P. S.; PASSOS, M. Y. Joe Sacco: **Jornalismo Literário em quadrinhos**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. Brasília. Anais... Brasília, CD-ROM. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1126-2.pdf> Acessado em 20/03/2011

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SACCO, Joe. **Uma História de Sarajevo**. São Paulo: Editora Conrad, 2005.

SOUZA JÚNIOR, Juscelino Neco. **Imagem Narrativa e Discurso da Reportagem em Quadrinhos de Joe Sacco**. 2011. 159 fls. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos e educação popular no Brasil**: Considerações à luz de algumas produções nacionais. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs.). Muito além dos quadrinhos: Análises e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Editora Devir, 2009. Pgs. 83-102.